



O Deus Mantícora

Por Leandro Reis

– Como pode concordar com isso? Tantos anos da mesma coisa... Aceitando esta loucura e sofrendo por nada! Como... Como podemos chamar aquilo de deus? Você...

Arrin engoliu a revolta assim que viu a mão de seu pai se fechar. Não era a primeira vez que questionava a fé, assim como não seria a primeira vez que seria surrado por se voltar contra ela.

Porém, confrontar-se com seu pai era a última coisa que desejava naquele momento.

– Eu sempre soube que meu punho não seria o suficiente para convencê-lo. – disse Adra, encarando o jovem filho. – Pergunto-me se poderei mesmo contar com você quando sairmos daqui.

– Pai... A cada dois meses esse deus vem a nós para exigir o sacrifício. Ele sempre pede os guerreiros mais fortes. Não percebe que ele só deseja nos manter controlados? Incapazes de nos defender?

– Os filhos do deus Mantícora são incontáveis e sua fome é insaciável. Antes de sua vinda, éramos caçados e devorados. Mas ele os controlou quando passamos a venerá-lo. E nunca mais fomos caçados.

– Deixamos de ser caçados para nos entregarmos sem luta! Aposentamos nossas lanças e nos ajoelhamos para a morte!

– Arrin, nenhuma palavra o confortou quando o deus levou seu mestre de armas. Não tenho esperança que alguma palavra o conforte no meu sacrifício. – anunciou o pai, pesaroso, enquanto se aproximava.

Segurou seu filho no rosto e o encarou por longos segundos. Arrin tinha cabelos negros e grossos, como os do pai. Seu rosto trazia força, de queixo largo, nariz protuberante e olhos grandes. Os músculos, ainda em desenvolvimento, ostentavam grande potencial. Destacava-se, certamente, dos outros jovens da sua idade.

Por fim, com um abraço forte, Adra arrancou lágrimas de ódio e tristeza de seu filho. Afastou-se mais uma vez, balançou a cabeça em negativa e, com um poderoso soco, levou-o ao chão. Tonto, Arrin ainda tentou levantar-se, mas veio um segundo golpe a escuridão agarrou seus olhos e imobilizou seu corpo.

Quando deu por si, afastando a confusão em sua mente, o jovem já estava de pé, apoiando-se onde podia enquanto avançava para fora de sua casa. Alcançou a saída e o sol o ofuscou mesmo tendo erguido o braço para proteger os olhos. Tropeçou e caiu de joelhos mais algumas vezes, enquanto mirava o aglomerado de pessoas no centro da vila.

Então veio o grito de dor. Não dele, mas de seu pai. Todos se ajoelharam e ele pode ver o deus. E o deus pode vê-lo, pois era o único de pé. O rabo vermelho de escorpião estava erguido em posição de ataque. As asas de dragão, abertas, faziam-no parecer três vezes maior do que realmente era, tornando-o gigantesco. O poderoso corpo de leão se curvava como se pretendesse saltar sobre os homens ajoelhados. A cabeça, envolta em uma juba avermelhada, tinha um semblante animalesco, uma mistura bizarra de humano e felino. Levava em sua boca o corpo sem vida do guerreiro mais forte, a morada da alma de seu pai.

– Mantícora! – gritou antes de tropeçar e cair de joelhos mais uma vez.

O deus saltou sobre seus súditos e voou.

Arrin abriu os olhos. A lembrança do dia do sacrifício de seu pai o trouxera de volta à consciência, revigorando sua determinação. Estava caído. O sangue brotava do rosto e olhos estavam cheios de lágrimas causadas pelo nariz quebrado. O som da batalha o cercava, o que significava que ainda podia ser escolhido.

Apoiou-se nas mãos e se colocou de pé. Cuspiu o sangue que escorria para a garganta e limpou os olhos. Haviam ainda cinco guerreiros de pé. Lutavam entre si, exceto por um solitário, que aguardava pelo vencedor de um dos combates. Assim era a seleção, lutas de dois em dois até que não houvessem mais combatentes.

– Fisnu! O sangue de meu rosto está no seu bastão, mas nossa luta não acabou. – anunciou, limpando os olhos mais uma vez.

O guerreiro que o derrubara uma vez encarou-o. Sabia que precisaria nocautear o jovem Arrin novamente.

– Consegue me enxergar? – perguntou Fisnu, logo que o jovem limpou os olhos novamente.

A resposta indicava que não haveria surpresa se atacasse naquele momento. E Arrin o fez. Avançou bradando fúria e cuspiendo força. A lembrança do deus encarando-o apenas aumentou sua força. Fisnu desferiu um violento golpe que acertaria novamente a cabeça do oponente, mas o braço direito aparou-o com o som seco de algo trincando.

Arrin chutou o estômago do inimigo sem causar muita dor, mas seu pé completou o golpe, descendo sobre o joelho do oponente com tamanha força que a perna de Fisnu dobrou na direção contrária. O grito de dor e desespero por saber que mancaria pelo resto da vida chamou a atenção dos outros combatentes. Um deles, já vitorioso.

O jovem guerreiro tomou o bastão com o sangue de seu rosto e avançou sobre o novo desafio.

Ao fim dos combates, era o vencedor.

Sua fúria assustara e impressionara os membros da vila. O jovem Arrin, que tanto criticara a fé, havia cumprido a promessa de quatro anos atrás: Ele morreria como seu pai.

Como de costume, participou do banquete que celebrava o vencedor. Recebeu a despedida de cada amigo e parente. Como era solteiro, passou a noite com duas jovens em período fértil, escolhidas por ele próprio para darem continuidade à sua linhagem.

O restante de seu tempo passou em claro, lembrando o dia em que o pai fizera seu sacrifício. Remoendo a dor que o fizera sonhar tantas vezes com o episódio.

Quando o sol apontou no horizonte, Arrin se levantou decidido e iniciou seus preparativos.

Como de costume, a vila amanheceu em silêncio. Mulheres e crianças permaneceram no interior das cabanas de madeira e palha. Os homens evitaram suas tarefas diárias, afim de não perturbar a paz.

O rugido leonino então ecoou e os olhos respeitosos procuraram pelo deus, no céu. Distante, podia-se ver o vulto se aproximar a cada batida de asas.

Alguns mantiveram sua atenção no deus Mantícora. Outros procuraram pelo guerreiro que ofereceria o sacrifício. Estes últimos se depararam com uma visão incomum.

De pé, na frente da sua cabana, Arrin observava resoluto o centro da vila. Vestia uma calça de pele de Rupá e usava botas altas, do mesmo material. O tronco estava nu, deixando à mostra músculos como a muito não se via. Um corpo levado ao limite da força, resistência e velocidade. No braço direito, próximo ao ombro, uma larga tira de couro tingida em vermelho demonstrava seu luto.

Mas nada disto era incomum aos homens que ali estavam. Arrin havia pintado seu tronco, membros e rosto de branco e desenhado símbolos em vermelho que nada significavam. Fazia aquilo em imitação às pinturas que já vira em bárbaros andarilhos, do norte. Para ele, aquela era uma vestimenta de guerra e morte. Algo jamais feito na cerimônia de sacrifício.

O urro do deus ecoou novamente. As batidas poderosas de suas asas já podiam ser ouvidas. Sem tempo para pensar no resultado que a pintura poderia causar, os homens abriram caminho e Arrin caminhou firme até o local onde seu pai fora morto. Sabia que não havia muita dor. O veneno da cauda de escorpião era aplicado no pulso da mão direita e matava em segundos.

O jovem guerreiro enfim parou, respirando fundo e aguardando pelo carrasco. O deus fez uma longa manobra e se aproximou, de asas abertas, planando suavemente. Ergueu as patas dianteiras pouco antes de tocar no solo e, ainda empinado, observou a oferenda até se decidir sobre o que fazer com o imprevisto.

Resolveu-se.

– Quem o vestiu? – perguntou imponente e agressivo. O rabo de escorpião ameaçou um bote. Arrin piscou, mas não se moveu.

– Eu mesmo. – respondeu o jovem. – Este é meu presente para toda a vila. E é o que ofereço ao meu deus.

– Eu aceito! Estenda sua mão direita.

O jovem obedeceu, estendendo o braço inchado.

– O que houve com seu braço?

– Ele foi ferido na luta de ontem, onde foi vitorioso. – respondeu um ancião.

O deus sorriu e a cauda vermelha, veloz como uma flecha fez o ferrão varar o pulso do jovem injetando tanto veneno que um pouco do líquido esverdeado espirrou no chão.

Arrin tombou de imediato, contorcendo e gritando na luta contra a dor. Esticou o braço esquerdo acima da cabeça, como se quisesse agarrar algo e perdeu os sentidos. Estava feito. Todos se ajoelharam em respeito e somente o vento ousou perturbar a homenagem silenciosa, afagando a juba volumosa do carrasco. O deus Mantícora passou o olhar em seus súditos e, por fim, ordenou:

– Pintem os próximos do mesmo modo.

Então abocanhou o corpo do jovem, inclinou as patas e, de um único impulso, iniciou seu voo.

O solo afastou-se rapidamente e as cabanas abaixo deles ficaram pequenas. O deus Manticora, apressou-se, ansioso pelo banquete que o aguardava. Conseguia viver muito bem da carne dos rupás, uma raça variante dos búfalos, mas a carne humana era seu real desejo. Ela saciava a fome, trazia energia aos músculos e, mais importante, lhe dava prazer.

Quase uma hora depois, já próximo da região das rochas, ele diminuiu a altitude. Enquanto planava passou por um ou outro de sua espécie, mantícoras como ele, mas que não haviam sido abençoados com asas e, com isto, estavam fadados a viver sem experimentar carne humana.

Eram tementes a ele, que poderoso, podia enfrentar ao mesmo tempo até três de sua raça. Sua palavra bastava para que não atacassem seu “rebanho”, onde era tido como um deus. Enfim, pousou na entrada de sua morada, uma caverna rasa entre um dos diversos amontoados de rochas.

A ansiedade aguçou seu apetite. O gosto de sangue que escorria entre os dentes fez acelerar seu coração e salivar sua boca. Tãmanha era sua excitação que ficou surpreso ao receber o primeiro golpe no rosto, certo, destruindo o focinho. Seus olhos inundaram em lágrimas imediatamente. Veloz, veio o segundo ataque, rasgando sua bochecha. Era sua presa. Sua maldita presa estava viva e o atacava com alguma arma perfurante.

A mandíbula forçou os dentes contra a carne e Arrin gritou de dor, perdendo o ar. Desferiu mais um golpe com a ponta de lança que tinha na mão esquerda, acertando novamente o focinho e mais um, acertando enfim seu alvo.

O deus Mantícora urrou e se debateu assim que seu olho foi atingido. Por reflexo, largou a presa que o atacava e atacou com garras e cauda. O jovem desviou do rabo vermelho assim que o viu

atacar. Rolou caverna adentro sobre os ossos dos sacrificados antes dele. Ainda com o corpo desajeitado, foi atingido por uma das garras que por pouco não o prendeu.

Assim que pôde, colocou-se de pé e encarou seu inimigo. O sangue quente escorria dos cortes feitos pelos dentes do deus e fervia dentro de seu corpo. O braço direito balançava como um pedaço de pano ao vento. Morto.

– Humano... você vai sofrer! – vociferou a criatura, estufando o peito de leão. Tentava mirar seu alvo com o olho bom, nublado por lágrimas incontroláveis.

– Eu sou Arrin, filho de Adra. Eu vim resgatar a coragem de minha vila.

O deus atacou com um bote, as garras passaram longe, o rabo venenoso nem tanto.

– Você está morto. Meu veneno devia tê-lo matado na vila. Não sei como me enganou...

– Eu amarrei meu braço tão forte que não o sinto mais. Ele ficou inchado e roxo.

A criatura, entre uma piscada e outra, percebeu a tira de couro vermelha, próxima ao ombro do rapaz, provavelmente ocultava a amarra que impedia o sangue envenenado de infectar o resto do corpo.

Só então ele entendeu.

A pintura era para ocultar o braço roxo.

Quando atingido, o maldito fingiu que estava morrendo, estendendo o braço esquerdo para que ele não fosse abocanhado e ficasse preso.

A ponta da flecha com certeza estava oculta na bota.

– Você não sairá vivo daqui. – anunciou o deus furioso, atacando mais uma vez.

Desta vez, o rabo acertou a parede enquanto uma das garras rasgou as costas do guerreiro.

– Sei disto. – respondeu Arrin, ajeitando a ponta da lança, em sua mão.

– E não vai conseguir me matar com um pedaço de lança. Tolo, eu vou devorá-lo vivo.

– Não preciso matá-lo... – disse, franzindo os olhos, mais para si que para o inimigo.

O deus Mantícora piscou. Momento aguardado por todos os músculos do jovem guerreiro, que explodiram em seu movimento mais veloz. A meio caminho o inimigo abriu o olho e atacou com o rabo de escorpião.

O deus atingiu seu inimigo no estomago.

O jovem guerreiro pulou no último segundo e, dobrado pelo golpe na barriga, esticou o braço para enterrar a ponta da lança, última lembrança de seu pai, no olho que restara de seu algoz.

Dois gritos de dor deixaram a caverna, levando dúvida e medo àqueles que o ouviram.

– Você está morto! Eu vou devorá-lo! Vou comer suas entranhas e a de todos na sua maldita vila! – gritava o deus cego, varrendo o chão com as patas, para achar o inimigo.

– Terá que encontrá-los prime... – a voz de Arrin cessou junto com seu coração.

Quando a primeira mantícora sem asas entrou receosa no local, seu senhor ainda urrava feroz. Furtiva, ela observou o corpo sem vida do guerreiro. As narinas se dilataram e o odor do sangue a fez salivar. Tãmanha era a fúria do deus cego que sequer percebeu quando o semelhante roubou o corpo humano para si, compartilhado-o à força com outras mantícoras que espreitavam a caverna.

Em breve, a vila recebeu o “presente” do jovem, obrigando seus guerreiros a se defenderem contra o inimigo que os devorava. Mas eles o fizeram bem, lutando bravamente e mostrando que eram presas difíceis de caçar.

Um novo ciclo começaria e aquele povo buscaria novas crenças. O deus Mantícora jamais seria visto novamente, e os dois filhos de Arrin só conheceriam suas histórias, pois suas mães jamais deixaram de contar sobre a época de sacrifícios, que tivera seu fim quando seu pai fora levado.